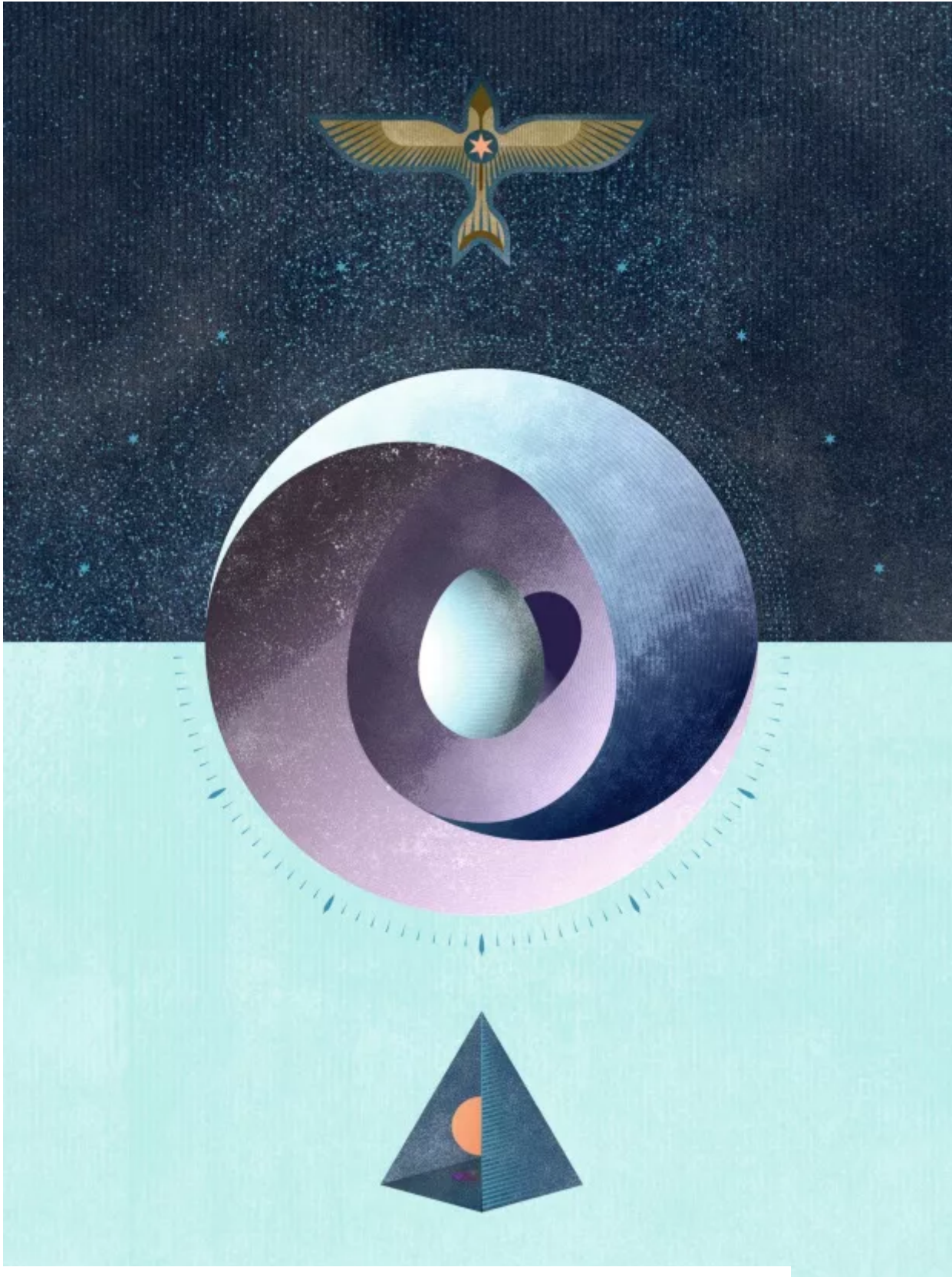


A ARTE INDÍCIA O FUTURO?

Compartilhar

Assine já!



Apreendi
que a arte,
em toda a
sua

diversidade expressiva, aponta o futuro. A sensibilidade do artista para sentir o espírito do tempo faz transbordar na sua criação o porvir, em manifestações nem sempre óbvias, mas decifráveis aos espíritos investigativos mais sofisticados e sensíveis.

Bem, se essa premissa é verdadeira, não estamos nada bem. As mais recentes manifestações de arte contemporânea, digo aqui as institucionalizadas, como bienais e feiras internacionais de arte, mostras e exposições em galerias etc., vêm nos oferecendo um acervo de criações que nos mostram um futuro sombrio. Gostaria de me ater à minha recente visita à Documenta 14, em Kassel, na Alemanha, um dos mais importantes eventos de arte do mundo. Destaco as obras do pavilhão Neue Neue Galerie (Nova Nova Galeria). Um painel imenso com o prognóstico TerraNullius e o Triunfo da Bestialidade, do australiano Gordon Hookey, nos recebe na entrada; a cortina de carcaças de bois ou um vestido branco constituído de microcarcaças, ambos da norueguesa Máret Anne Sara, chamam atenção; um amontoado de cabeças de animais decapitados da nigeriana Otobong Nkanga, mas também feixes de luz tão potentes que nos impedem de olhar, nos fazem pensar; a frase que ecoa na simetria perturbadora “*no leaders, no heroes, no idols, no masters*”, do espanhol Daniel García Andújar, corpos amputados no esforço de movimentar-se, sacos de estopa rasgados, ruínas, restos, falhas, uma após a outra, essas obras nos inundam. Essa pequena mostra reúne artistas diversos, mas que na essência gritam no mesmo tom: morte. Todas elas nos revelam um futuro de tristeza e de sofrimento, de morte física, mas também simbólica.

Alguma esperança no fim do túnel? Sim, ainda que poucas. Encontrei na obra de Marta Minujín, intitulada *Parthenon de livros*, uma acrópole em tamanho real, construída com 100 mil livros banidos por vários motivos, uma luz. Ainda que possamos entendê-la como o colapso da democracia, está também ali a resistência do livro. Com uma estratégia que a torna exuberante e sensível, cada exemplar foi envolvido em plásticos transparentes, o que permite a exploração do som e, de noite, da iluminação da praça que também abriga o museu Fridericianum, o local onde, em 1933, milhares de livros foram queimados pelos nazistas. Aqui o político e o crítico se encontram com o belo. Para mim um resgate do que é a arte.



(Foto: Jennifer Koo / Divulgação)

Clotilde Perez (cloperez@terra.com.br) é semioticista, professora da USP e da PUC-SP, e fundadora da Casa Semio.